

Mais inflação e menos crescimento

Banco Central prevê expansão de apenas 2,25% do PIB e alta de 10,8% nos preços para este ano

EDNA SIMÃO

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

BRASÍLIA – O governo anunciou ontem o aumento da projeção de inflação para este ano e menos crescimento econômico. O Banco Central, em seu relatório trimestral de inflação, elevou de 9,5% para 10,8% a estimativa de inflação para 2003. Já a projeção de expansão do Produto Interno Bruto brasileiro caiu de 2,8% para 2,25%.

O diretor de Política Econômica do BC, Ilan Goldfajn, explicou que a meta ajustada de inflação para o ano foi mantida em 8,5%. Essa meta, no entanto, pode estar com os dias con-

tados. A ata da reunião do Comitê de Política Monetária – que manteve este mês a taxa de juros básica (Selic) em 26,5% ao ano com viés de alta – mostra que está em estudos a possibilidade de aumento em um ponto percentual da meta ajustada, que passaria para 9,5%. Reflexo da previsão de reajuste dos preços administrados (luz, telefone, combustíveis) em 16,8% este ano. As tarifas de energia elétrica devem ter alta de 27,5%, a gasolina, 12,4%, e o telefone fixo, 22%.

– Respeitamos a meta. Reconhecemos que a inflação no

primeiro trimestre foi elevada, o que torna cumprir a meta de 8,5% mais difícil. Mas acho que a inflação está perdendo oxigênio – afirmou o diretor do BC.

“Inflação está perdendo oxigênio”, diz diretor do BC

Goldfajn explicou, no entanto, que não há prazo estabelecido para a mudança do número e que fazer qualquer tipo de alteração, em um momento de volatilidade com o atual, seria prematuro.

O diretor disse que a revisão na projeção para o ano foi consequência de uma inflação acima das expectativas no primeiro trimestre. Em dezembro, a estimativa de inflação era de 2,9% no primeiro

trimestre e de 6,5% para o restante do ano. A projeção atual incorpora inflação de 4,8% ocorrida no primeiro trimestre e 5,8% para o resto de 2003.

Conforme o relatório, os principais fatores de risco de inflação são os efeitos da guerra no Iraque, o comportamento dos preços administrados e a inércia da inflação de 2002, após o pico no último trimestre. A queda na previsão de crescimento do PIB, segundo o BC, teve como causas o aumento da Selic e a deterioração da confiança do consumidor.

As mudanças feitas nas projeções foram bem-recebidas pelo mercado. Para o ex-diretor do BC e professor do Ibmecc,

Carlos Thadeu de Freitas, o anúncio da nova projeção de inflação do BC sinaliza que a meta de 8,5% foi abandonada.

– O BC reconheceu que é praticamente impossível cumprir a meta de 8,5% – disse.

Já outro ex-diretor do BC, Sérgio Werlang, hoje no Itaú, afirmou que o ideal seria que a autoridade monetária divulgasse qual a meta que realmente pretende perseguir. O economista-chefe do Citibank, Carlos Kawall, considera que é cedo para alterar a meta por causa dos reflexos, ainda desconhecidos, do conflito entre Estados Unidos e Iraque.